



Os dois responsáveis pelo livro “a marca invisível” junto de alguns dos achados que se podem encontrar na ilha Terceira

a civilização dos nossos tempos; o consumismo, o materialismo, a imposição de um pensamento e filosofias únicas, a falta de humanidade e respeito para com o outro, pelo planeta, a sua liberdade e a sua capacidade única e fulcral, a de pensar, para a aceitar como algo muito real e que consta de um legado histórico e cultural sem precedentes à margem do que é concretizado em Canárias, fazendo parte da Unesco, património da Humanidade, muitas das estruturas estudadas associadas a tempos remotos da existência humana nessas ilhas.

Relativamente às diferenças entre os vestígios dos Açores e os encontrados na Madeira ou nas Canárias, há certezas de que nos Açores estes vestígios não serão portugueses?

Estritamente às diferenças apenas posso referir que dessa cultura desaparecida composta por muitos, clãs, tribos, cultos, sociedades ligeiramente mais desenvolvidas que outras a nível de organização social e dos seus contactos com o Médio Oriente, a “Indústria” da altura, estavam os Açores, a Madeira e as Canárias em rotas de navegação transatlânticas e como portos de abrigo e de paragens obrigatórias. O pouco que existe ainda não estando devidamente classificado nestas Regiões da Macaronésia, apenas remete para tudo o que se pode verificar espalhado por toda a Europa, algumas partes de África, da zona Mediterrânica e algumas partes da Península Ibérica incluindo Portugal, estando algumas destas sim devidamente estudadas tendo já sido datados com alguns milénios de existência e associadas com fundamento científico à cultura em questão, o mesmo se pode dizer acerca da criação do reinado Português.

Visto que só se forma em 1139 e já pouco ou nada restava, à data da reconquista cristã, o megalitismo já não existia, eram os muçulmanos que estavam instalados, tendo sido a Península Ibérica também ela ocupada por diversos outros povos anteriormente, fazendo parte estes desse todo, do resquício original do que foi a evolução do megalitismo, passando pelas idades do Cobre, do Bronze, do Ferro, da antiguidade Oriental, da Clássica, da Tardia e mais tarde marcados pela invasão dos romanos, séculos antes de Cristo, estes que percorreram milhares de quilómetros no norte da Europa até chegarem às ilhas britânicas expandido o seu Império, destruindo tudo na sua passagem impondo a sua Cultura e modo de vida até bem perto da então Alta Idade Média e Idade Média Plena onde a “Cultura Megalítica” já não existe, ainda que no entanto se continue a utilizar pedra para muitas das construções no séc. XXI.

Esteve durante este ano na ilha Terceira numa visita com vários investigadores. No final foi elaborado um relatório. Já houve algum feedback das entidades oficiais em relação ao mesmo?

A intenção é a de criar uma convergência entre estes objectos de estudo e os métodos oficiais. Será, no entanto, sempre, uma situação provisória até se



Trabalho de campo na Terceira

adoptarem métodos e instrumentos próprios para as classificar. Na Madeira assistiu-se a uma pequena melhoria no cuidado e na abordagem a estes locais pelo que estavam previstas obras de requalificação desses mesmos lugares e num deles tendo sido algumas paredes destruídas e parte da estrutura descaracterizada mecanicamente do seu formato original, ainda que, nada ainda tenha sido assumido por qualquer uma das Entidades pelo método oficial que seja do meu conhecimento tanto nos Açores como na Madeira.

A Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica tem vindo a estudar os “marroços” do Pico. O trabalho que têm desenvolvido tem sido “levado a sério” por quem de direito?

Não posso responder pela Associação, apenas por mim. Tanto quanto me informei com a Doutora Antonieta Costa acerca do assunto, pela entidade que encomendou o estudo (a Câmara Municipal da Madalena) sim, mas existe toda uma rede de argumentos que (mesmo que não tendo base sólida) configuram a opinião pública. E que logo põe em causa a postura que algumas instituições possam vir a ter na sua defesa, tanto devido ao posicionamento político e ideológico que as pressupõe perante o Estado Nação e a sua responsabilidade canónica e suas premissas, quer no carácter filosófico que assumem em relação ao arquipélago, ao todo Nacional, na propensão à manutenção do “Status Quo”, à continuidade do paradigma actual assumido pela arqueologia e da historiografia nacional. Paradigma que parte do pressuposto da impossibilidade de navegação do Atlântico nunca antes de Portugal, Espanha, Inglaterra, logo, não sendo viável sequer, uma observação do dado adquirido, sem essas “pa-

“Já há comunidades de estudo, registo e partilha de informação deste tipo de objectos”

O pouco que se conhece destes achados não está ainda devidamente classificado e “remete para tudo o que se pode verificar espalhado por toda a Europa, algumas partes de África, da zona Mediterrânica e Península Ibérica

até uma certa ironia devido à sua falta de estudo e renegação como se de nada tratassem.

Fui convidado pelo Doutor Joaquim Fernandes do CTEC (Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência) da Universidade Fernando Pessoa, tendo sido também efectuado o contacto também ao Doutor Benjamin B. Olshin Professor of Philosophy / History + Philosophy of Science and Technology / Design of The University of the Arts Philadelphia, PA 19102 U.S.A. para promover um encontro científico com a minha participação e a da Doutora Antonieta Costa o mais brevemente possível.

Relativamente ao meu trabalho de descoberta de inesperados e relevantes traços lógicos na paisagem madeirense como referem algumas das entidades aqui referidas como sendo, alguns, petróglifos em que tal se traduziu num aspecto mais exigente da matéria tendo sido convidado na pessoa do Arqueólogo Doutor Nuno Ribeiro para integrar uma equipa de investigação arqueológica integrada na Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica, mas, que no entanto, qualquer questão em relação a esse processo terá que ser respondida pelo seu representante, tendo em conta que a minha eventual participação e colaboração científica com a APIA terá que ser nos moldes e nas metodologias discernidas pela mesma.

Estas pedras, que, potencialmente, podem vir a ser testemunhos da passagem das antigas rotas transatlânticas rumo às primeiras explorações de minas de cobre na América e da presença pelo Atlântico dos conhecidos à altura como “Sea Kings” provenientes da Anatólia e dos “Povos do Mar”, sem se desconsiderar todos os outros povos que possam vir a ser identificados como capazes, também de prováveis navegadores do Atlântico como a título de exemplo o do povo Fenício. Nesta investigação e com um papel activo a que mais tarde se poderá vir a juntar à investigação, o Doutor Reinoud de Jonge que estuda esta temática desde 1992 e que refere com base em investigação e terminologia científica com uma margem de 1 séc. a 50 anos que a Madeira foi descoberta a 4.200 AC. tendo sido os Açores descobertos a 3.600 AC.

Após contactar com um outro investigador da Índia que refere que nos Açores existem tradições dizendo que a ilha foi visitada durante a Antiguidade e que não tem dúvidas de que, se um pouco de dinheiro fosse gasto em escavações, haveria de se verificar uma ocupação por volta de 13 000 AC, refere que, no Mesolítico, as Ilhas Canárias negociavam com os balcões das Cidades Estados indianas (Índia) no Mediterrâneo (tecidos estampados com selos e corantes raros). A ilha da Madeira também sem dúvida, especialmente após a catástrofe de Storegga (6200 AC), quando os seres humanos perseguidos pelas ondas procuraram novos horizontes. Este último aspecto acaba por ser um registo público evidente dos mesmos junto da comunidade científica para que se deixe de especular e em ciência ponderar hipóteses que têm de ser provadas.

Em relação à Madeira tem fotografado vários vestígios. Vai participar, a convite da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica, num congresso de arqueologia para apresentar essas informações. Pode explicar um pouco melhor esses achados ancestrais e a participação nesse congresso?

Estes Achados Ancestrais os quais a sua origem ainda não foi determinada, mas que estão em muito a chocar um pouco por toda a parte a comunidade internacional dedicada ao estudo desta área, nas suas pessoas individuais e de algumas instituições criadas para o efeito, causando espanto e em muitos,